



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

GÊNERO E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES CRÍTICAS A PARTIR DO PROJETO DE EXTENSÃO IGUALDADE DE GÊNERO NA ESCOLA MOURÃO RANGEL

*Eixo Temático: **Corpo, Gênero e Educação***

Extensionista: Lara Eduarda Carmo Alves da Silva¹
Orientadora: Dra. Vanda Maria Leite Pantoja²

RESUMO

Este artigo analisa o desenvolvimento do projeto de extensão “Igualdade de gênero nas escolas”, promovendo debates sobre gênero com estudantes do ensino médio Mourão Rangel, em Imperatriz – MA. A proposta metodológica consiste na realização de dinâmicas participativas que permitem aos estudantes refletirem criticamente sobre os estereótipos de gênero e os papéis sociais impostos culturalmente. Discute-se uma das atividades desenvolvidas no projeto, no qual foram apresentados três corpos sem características nomeados como “homem”, “mulher” e “ser humano”, seguidos do questionamento “o que é ser homem e o que é ser mulher?”. A investigação fundamenta-se em referenciais teóricos de Louro (2003) e hooks (2013). A análise das respostas revelou que as percepções dos estudantes ainda são amplamente influenciadas por normas sociais e culturais, reforçando a necessidade de debates críticos sobre o tema na escola.

Palavras-chave: Gênero; Estereótipos; Projeto de extensão; Educação inclusiva; Diversidade.

¹ Graduanda em Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Extensionista voluntária do projeto de extensão “Igualdade de gênero na escola”. lara.eduarda@discente.ufma.br

² Doutora em Ciências Sociais UFPA/DEAN. Professora e coordenadora do curso Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Email: Vanda.pantoja@ufma.br



INTRODUÇÃO

A construção social do gênero, conforme apontam Louro (2003) e hooks (2013), evidencia que as noções de masculinidade e feminilidade são atravessadas por relações de poder e marcadas por desigualdades estruturais. Baseando-se nesse referencial teórico, o presente artigo apresenta uma análise do Projeto de Extensão “Igualdade de Gênero na Escola³”, em desenvolvimento do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz, o projeto iniciou em junho de 2024 com previsão de término em outubro de 2025, com intenções de ser um projeto contínuo para futuros extensionistas e pesquisadores, conta com treze extensionistas voluntários, dois extensionistas bolsistas financiados pela Capes⁴, e duas coordenadoras, o projeto se realiza na escola integral do ensino médio Mourão Rangel, em Imperatriz – MA, com turmas dos 1º e 2º anos, as visitas nas turmas são realizadas três vezes ao mês.

A experiência extensionista vivida na escola teve objetivo principal promover reflexões críticas sobre desigualdades de gênero, por meio da realização de dinâmicas participativas que articulem os aspectos sociais do corpo. A atividade central discutida nessa análise envolveu a utilização de um quadro branco, no qual os estudantes foram convidados a atribuir características a três figuras nomeadas como “homem”, “mulher” e “ser humano”, respondendo à pergunta “o que é ser homem e o que é ser mulher?”. Essa escolha metodológica buscou favorecer o engajamento dos alunos, permitindo a manifestação de suas percepções e a problematização coletiva dos discursos normativos sobre gênero.

A análise das discussões revelou que, embora existam indícios de questionamento por parte de alguns estudantes, as respostas ainda refletem fortemente as influências de padrões socioculturais enraizados, reafirmando papéis de gênero tradicionais. Os

³ Este trabalho resulta-se do projeto de extensão nomeado “Igualdade de gênero na escola”, em desenvolvimento no curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz, com estudantes do ensino médio da Escola Mourão Rangel, em Imperatriz – MA.

⁴ Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), é uma fundação vinculada ao MEC que oferece bolsas para pesquisa e cooperação científica no Brasil e exterior. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/historia-e-missao>

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

resultados obtidos reiteram a importância das atividades voltadas ao enfrentamento das desigualdades de gênero, considerando que a escola tem o potencial de atuar na desconstrução de estereótipos e na valorização da diversidade. A abordagem adotada pelo projeto contribuiu significativamente para a construção de um ambiente de diálogo e aprendizagem crítica, reforçando a necessidade de ampliar o debate de gênero no cotidiano escolar como estratégia para a promoção de uma educação inclusiva, democrática e transformadora.

METODOLOGIA

A atividade se desenvolveu a partir de uma abordagem qualitativa, ancorada nos princípios da pesquisa participante, com ênfase na extensão como prática articuladora entre universidade e a escola. A proposta metodológica teve como objetivo estimular reflexões críticas sobre os estereótipos e papéis de gênero por meio de práticas dialógicas e interativas, realizadas junto a estudantes do ensino médio da Escola Mourão Rangel.

A principal técnica de coleta de dados utilizada foi a observação participante, aliada ao registro das falas e produções escritas dos estudantes durante as atividades desenvolvidas. Uma das ações centrais analisadas consistiu na dinâmica com o uso de um quadro branco, onde foram desenhados três corpos identificados como “homem”, “mulher” e “ser humano”. Os estudantes foram convidados a preencher os contornos com palavras, expressões e características que, em sua percepção, correspondiam a cada uma das figuras. As respostas foram fotografadas e transcritas para posterior análise qualitativa.

A escolha por uma metodologia participativa permitiu não apenas a coleta de dados, mas a construção de um processo coletivo de aprendizado, no qual estudantes puderam refletir criticamente sobre os discursos de gênero, contribuindo para o fortalecimento de práticas pedagógicas inclusivas no espaço escolar.

Dinâmica dos contornos dos três corpos:



Foto: Lara Eduarda. Data: 28-03-25
Escola Mourão Rangel, Imperatriz - MA

REFERENCIAL

TEÓRICO

A análise fundamenta-se em uma perspectiva crítica acerca da construção social do gênero, compreendendo-o como um marcador relacional estruturado a partir de práticas discursivas e normas culturais. Ao se afastar de concepções que vinculam gênero a determinações biológicas, a investigação adota como eixo a compreensão de que as identidades de gênero são produzidas socialmente e estão em constante transformação, sendo moldadas por instituições como a família, a mídia, a religião e, especialmente, a escola.

Louro (2003) é uma das principais referências nesta discussão ao afirmar que gênero deve ser entendido como uma construção cultural e não como uma expressão

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

natural do sexo. Para a autora, a escola, sempre que tenta contribuir para a disseminação e naturalização de normas de gênero, frequentemente reforçando estereótipos que delimitam comportamentos “adequados” para meninos e meninas. Louro defende a necessidade de práticas pedagógicas que problematizem essas construções e promovam uma educação pautada na diversidade, no respeito às diferenças e na desconstrução de padrões excludentes.

Nesse mesmo horizonte crítico, bell hooks (2013) contribui com uma abordagem interseccional e engajada do feminismo, que reconhece o entrecruzamento entre opressões de gênero, raça e classe. hooks enfatiza a importância da escuta ativa, do diálogo e da experiência como formas legítimas de produção de conhecimento, sobretudo no espaço escolar. Para a autora, é fundamental que a escola seja um lugar de resistência e de transformação, onde estudantes possam refletir sobre as estruturas de dominação que afetam suas vidas e desenvolver consciência crítica sobre as desigualdades.

Ao considerar a realidade escolar e propor ações formativas que abordem as representações de gênero entre adolescentes, esta pesquisa caminha ao lado dessas autoras na defesa de uma pedagogia crítica, comprometida com a emancipação dos sujeitos. A escolha pelo recorte temático e metodológico buscou, assim, criar condições para que os(as) estudantes pudessem identificar, questionar e reelaborar os discursos normativos sobre o que significa “ser homem” e “ser mulher” em nossa sociedade. Nesse sentido, o referencial teórico adotado oferece os subsídios necessários para compreender como os saberes escolares participam ativamente da constituição das subjetividades e, ao mesmo tempo, aponta caminhos para o enfrentamento das desigualdades de gênero por meio da educação. A construção da atividade seguiu, portanto, uma linha de raciocínio que articula teoria e prática, reconhecendo na escola um espaço privilegiado para o exercício da crítica, da escuta e da transformação social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados a partir da dinâmica realizada com os estudantes permitiu a identificação de três categorias analíticas principais: naturalização dos papéis de gênero, resistência e questionamento dos estereótipos, e ambiguidade na construção das identidades de gênero. Essas categorias foram definidas a partir das respostas dos estudantes ao exercício proposto no quadro branco, no qual atribuíram características aos contornos de figuras humanas nomeadas como “homem”, “mulher” e “ser humano”.

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade

A primeira categoria, naturalização do gênero, socialmente construída, revelou-se dominante nas

respostas. Características como “forte”, “trabalhador”, “segurança”, “protetor”, foram atribuídas à figura do homem, enquanto “delicada”, “persistente”, “emotiva”, “amável”, “perfeccionista”, apareceram associadas à figura da mulher. Tais expressões evidenciam a internalização de discursos tradicionais sobre masculinidade e feminilidade, construídos historicamente e reforçados por instituições sociais, como destaca Louro (2003). Essa tendência confirma a permanência de uma visão binária e normativa de gênero, na qual o corpo biológico ainda serve como justificativa para funções e comportamentos distintos.

A segunda categoria, resistência e questionamento dos estereótipos, apareceu em menor proporção, mas com significância analítica. Alguns estudantes escreveram características emotivas, como “dúvida”, “sentimento de prisão”, “tristeza”, “poder ser o que quiser”, “nem todos os homens são iguais”, especialmente na figura nomeada como “ser humano”. Essas respostas apontam para fissuras nos discursos hegemônicos, indicando que há espaço na escola para o surgimento de compreensões mais plurais sobre as identidades de gênero. Essa resistência está em consonância com as ideias de hooks (2013), que valoriza a escuta das experiências e a formação crítica como formas de ruptura com as estruturas opressoras.

A terceira categoria, ambiguidade na construção das identidades de gênero, apareceu quando os estudantes apresentaram respostas contraditórias, como atribuir simultaneamente traços estereotipados e igualitários às figuras. Isso demonstra que os sujeitos se encontram em um campo de disputa simbólica, onde convivem discursos tradicionais e emergentes. A escola, nesse contexto, revela-se como um espaço tensionado, que tanto reproduz quanto pode contestar os padrões culturais. Essa ambivalência é um indicativo de que os processos de significação de gênero estão em curso e são influenciados por diversas esferas da vida social.

Os resultados confirmam a relevância do projeto de extensão como estratégia de intervenção educativa, uma vez que a metodologia participativa utilizada não apenas expôs as concepções dos estudantes, mas também provocou reflexões e questionamentos. Ao permitir que os alunos produzissem sentidos sobre os corpos e os papéis de gênero, a atividade revelou-se potente para problematizar normas naturalizadas e estimular o pensamento crítico.

Essa análise reafirma a importância de se inserir o debate de gênero no ambiente escolar. A promoção de ações pedagógicas que favoreçam a escuta, o diálogo e a



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



desconstrução de estereótipos e gênero, saúde e sustentabilidade de uma educação mais democrática e inclusiva. Como defendem Louro (2003) e hooks (2013), só é possível transformar a realidade quando se reconhece a escola como lugar de disputa e formação de subjetividades, capaz de desafiar as estruturas de dominação e promover o respeito à diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou que o ambiente escolar ainda reproduz de forma significativa discursos normativos sobre os papéis de gênero. As falas e produções dos estudantes analisadas revelaram que concepções tradicionais sobre masculinidade e feminilidade continuam fortemente presentes, sustentadas por processos de naturalização e por práticas culturais arraigadas. No entanto, também foram identificados indícios de resistência e de construção de discursos alternativos, sinalizando que o espaço escolar pode operar como um território de disputas simbólicas e de transformação social.

O uso de metodologias participativas se mostrou eficaz na promoção de reflexões críticas entre os estudantes, possibilitando que eles próprios se tornassem agentes da problematização dos discursos de gênero. A dinâmica com o quadro branco, em especial, permitiu a materialização simbólica das ideias e percepções do grupo, oferecendo um material rico para análise e interpretação. Tais resultados corroboram as discussões teóricas de Louro (2003) e hooks (2013), ao apontarem a necessidade de uma pedagogia que questione os modelos de normalidade e que valorize as experiências, os afetos e as pluralidades dos sujeitos em formação.

Do ponto de vista empírico, a pesquisa reafirma o papel transformador da extensão universitária como mediadora entre o saber acadêmico e as realidades vividas nas escolas. O impacto do projeto para os estudantes indica a viabilidade e a importância de sua continuidade e ampliação, tanto como prática formativa quanto como campo fértil para investigações futuras. A articulação entre universidade e escola, neste caso, produziu não apenas dados relevantes para a comunidade científica, mas também experiências significativas para os sujeitos envolvidos, contribuindo para uma educação mais justa e inclusiva.

A pesquisa também aponta para a necessidade de novos estudos que aprofundem a compreensão das múltiplas formas de vivenciar e interpretar o gênero na escola,



especialmente em contextos marcados por desigualdades estruturais de raça, classe e território.

Por fim, considera-se que o trabalho desenvolvido contribui com o campo da Educação, dos Estudos de Gênero e da extensão ao propor uma prática crítica e ética, voltada à formação de sujeitos conscientes, respeitosos e engajados com a transformação das estruturas que sustentam as desigualdades. Ao fomentar o diálogo entre teoria e prática, a pesquisa reforça o compromisso da universidade com a produção de conhecimento socialmente referenciado, comprometido com a equidade e com os direitos humanos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. História e missão. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/historia-e-missao>. Acesso em: 27 maio 2025.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.